

Pressão não intimida o País

BRASÍLIA — A pressão dos bancos credores internacionais para que o país pague a parcela de juros atrasada desde junho do ano passado não está intimidando o governo brasileiro. “O Brasil tomará as suas decisões no momento em que julgar adequado”, disse ontem o negociador oficial da dívida externa, embaixador Jório Dauster, pouco antes de entrar no Ministério da Economia para acompanhar mais uma rodada de conversas entre a ministra Zélia Cardoso de Mello e a missão do FMI. Dauster disse que não ouviu nenhuma ameaça do presidente do Citicorp, John Reed, pela inadimplência brasileira. Para ele, a manifestação dos credores na quinta-feira, durante o seminário sobre a renegociação da dívida externa, foi normal: “É só a preocupação natural de banqueiros”.

Durante a reunião com os técnicos do FMI e o representante do Brasil no organismo, Alexandre Kafka, a ministra da Economia disse ao chefe da missão, Thomas Reichmann, que o programa econômico tem todos os elementos para ser visto pelo FMI como bom.



Ricardo Chaves/AE

Reichmann: atento aos números

Zélia ponderou a Reichmann que o FMI não pode deixar de apoiar o plano e ressaltou que seria “estranho” se não o apoiasse. A ministra afirmou que o Brasil está disposto a ver o que for colocado na mesa de negociações, mas não pode aceitar que questões sejam criadas apenas para causar dificuldades. Com isso, a ministra da Economia quis mostrar que o Brasil deseja uma análise técnica do programa econômico, sem o levantamento de questões políticas. O recado vale também para a comunidade financeira internacional.

O chefe da missão do FMI quis saber da ministra como será o

quadro da economia brasileira para 91. Ela respondeu que deverá ser mantido o controle sobre as áreas fiscal e monetária e que há previsão de um orçamento fiscal superavitário. Explicou ainda que o governo está atuando em “outras frentes”, como a política agrícola, para garantir o abastecimento. Segundo a ministra, era preciso quebrar a expectativa inflacionária e convencer os agentes econômicos de que o Plano é correto.

Zélia Cardoso de Mello também disse a Reichmann que deve ser mantida a mesma estrutura econômica para o próximo ano, mas o nível de atividades — outra indagação do chefe da missão — dependerá das metas das políticas fiscal e monetária. “A idéia é a estabilização e o convencimento dos agentes econômicos”, disse a ministra.

Thomas Reichmann já manteve encontros também com o ministro da Infra-Estrutura, Ozires Silva, e o secretário de Administração, João Santana. Reichmann voltará a se reunir com a ministra na fase final do trabalho da missão no Brasil.